

## CORPO, VIRILIDADE E DESEJO: AGENCIAMENTOS ENUNCIATIVOS EM DUAS CENAS DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA BRASILEIRA

Marcos da Silva CRUZ

SEDUC/PA

**Resumo:** Embora a promulgação da prática de sexo tarifado como uma atividade laboral, a prostituição ainda encara e é encarada de modo fetichizado, como um tipo de modelo pelo qual deve ser realizado, a fim de justificar o modo rechaçado pelo qual é tratada. Na prostituição masculina homoerótica, esse modelo materializa-se pela dispersão de um conjunto de enunciados corporificados acerca da virilidade, pois esta institui os corpos como desejáveis ou marginalizados que comporão a hierarquia do regime de desejabilidade em diferentes espaços sociais, como as ruas e as saunas. Diante da demanda de exercício corporificado de virilidade, os integrantes da dinâmica de sexo tarifado precisam agenciar os traços constituintes de suas performances, a fim de estimular o desejo do cliente-em-potencial e lograr êxito em sua empreitada interacional. Assim, objetivamos analisar quais os agenciamentos enunciativos realizados por michês e garotos de programa em duas cenas da prostituição brasileira, pontuando as reiteraões e rearranjos sobre a virilidade. Para isso, mobilizamos as noções de agenciamento enunciativo (MAINGUENEAU, 2020), performances de gênero (BUTLER, 2019), interseccionalidade (AKOTIRENE, 2020). Constatamos a regência da prostituição a partir do agenciamento das formas de significação dos traços interseccionais em raça, classe, localização geográfica e valoração da atividade laboral. Por um lado, como condicionantes, impondo modos restritivos de materialização do corpo viril; por outro, de rearranjos enunciativos, em que pares binômicos são operados de modo flutuante entre as conotações estereotipas e suas ressignificações, sem perder de vistas o manejo com os traços que integram os sujeitos à dinâmica de sexo tarifado.

**Palavras-Chave:** Virilidade. Prostituição masculina. Ruas e saunas. Agenciamentos enunciativos.

## BODY, VIRILITY AND DESIRE: ENUNCIATIONAL AGENCIES IN TWO SCENES OF BRAZILIAN MALE PROSTITUTION

**Abstract:** Despite the enactment of the practice of taxed sex as a work activity, prostitution still faces and is seen in a fetishized way, as a type of model by which it must be performed, in order to justify the rejected way in which it is treated. In homoerotic male prostitution, this model materializes through the dispersion of a set of embodied statements about virility, as this institutes bodies as desirable or marginalized that will compose the hierarchy of the regime of desirability in different social spaces, such as the streets and saunas. Faced with the demand for an embodied exercise of virility, the members of the paid sex dynamic need to manage the constituent traits of their performances, in order to stimulate the desire of the potential client

and succeed in their interactional endeavor. Thus, we aimed to analyze which enunciative assemblages were performed by prostitutes and male escorts in two scenes of Brazilian prostitution, punctuating the reiterations and rearrangements about virility. For this, we mobilize the notions of enunciative agency (MAINGUENEAU, 2020), gender performances (BUTLER, 2019), intersectionality (AKOTIRENE, 2020). We verified the regency of prostitution from the agency of the forms of meaning of the intersectional traits in race, class, geographic location and valuation of the work activity. On the one hand, as conditions, imposing restrictive ways of materializing the virile body; on the other hand, of enunciative rearrangements, in which binomial pairs are operated in a fluctuating way between the stereotyped connotations and their resignifications, without losing sight of handling the traits that integrate the subjects to the dynamics of charged sex.

**Keywords:** Virility. Male prostitution. Streets and saunas. Enunciative agencies.

## CUERPO, VIRILIDAD Y DESEO: AGENCIAS ENUNCIATIVAS EN DOS ESCENAS DE LA PROSTITUCIÓN MASCULINA BRASILEÑA

**Resumen:** A pesar de la promulgación de la práctica del sexo gravado como actividad laboral, la prostitución aún se enfrenta y es vista de forma fetichizada, como una especie de modelo por el cual debe ser realizada, para justificar la forma rechazada en que es tratada. En la prostitución masculina homoerótica, este modelo se materializa a través de la dispersión de un conjunto de enunciados corporeizados sobre la virilidad, ya que instituye cuerpos como deseables o marginados que compondrán la jerarquía del régimen de deseabilidad en diferentes espacios sociales, como las calles y los saunas. Ante la demanda de un ejercicio encarnado de virilidad, los integrantes de la dinámica del sexo pagado necesitan manejar los rasgos constitutivos de sus actuaciones, con el fin de estimular el deseo del cliente potencial y triunfar en su empeño interaccional. Así, quisimos analizar qué montajes enunciativos fueron realizados por prostitutas y acompañantes masculinos en dos escenas de la prostitución brasileña, puntuando las reiteraciones y reordenamientos sobre la virilidad. Para ello, movilizamos las nociones de agencia enunciativa (MAINGUENEAU, 2020), performances de género (BUTLER, 2019), interseccionalidad (AKOTIRENE, 2020). Verificamos la regencia de la prostitución a partir de la agencia de las formas de significado de los rasgos interseccionales en raza, clase, ubicación geográfica y valoración de la actividad laboral. Por un lado, como condiciones, imponiendo formas restrictivas de materializar el cuerpo viril; por otro lado, de reordenamientos enunciativos, en los que se operan pares binomiales de manera fluctuante entre las connotaciones estereotipadas y sus resignificaciones, sin perder de vista el manejo de los rasgos que integran a los sujetos a la dinámica del sexo cargado.

**Palabras-clave:** Virilidad. Prostitución masculina. Calles y saunas. Agencias enunciativas.

### INTRODUÇÃO

Os corpos constituem-se e são constituídos como alvos de regimes de controle por meio da regulação dos usos dos corpos e das práticas discursivas empreendidas entre os sujeitos, delimitando as possibilidades de ser e existir em uma cultura. A partir de categorizações binárias,

os corpos são dispostos em lugares sociais de valorização e/ou de marginalização, a depender das dinâmicas sociais em que estão inseridos. Nesse cenário cronotópico extenso, a prostituição é, sob diferentes instâncias sociais, disposta como uma prática abjeta, sendo contornada por axiologias criminalizantes (RIBEIRO, 2016), patologizantes (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005) e de representação inferiorizante na cultura midiática de massa. Logo, há sempre em execução um projeto social e discursivo de abjeção das subjetividades integrantes da dinâmica de sexo tarifado.

A prostituição masculina também tem uma imagem marginalizante projetada por meio de discursos institucionais, sobretudo porque questionam supostas ontologias. Em primeiro lugar, as práticas tarifadas questionam as lógicas ocidentais de relacionamento pautadas em interações motivadas somente pela ideia de amor romântico, propondo motivações outras para o envolvimento entre pessoas. Em segundo lugar, a possibilidade de envolvimento afetivo-sexual entre homens desestabiliza a lógica heterossexual em que se fundam as atividades públicas, reverberando no maquinário discursivo e performativo constituintes das práticas culturais.

Parece comum os posicionamentos que abordam o escrutínio pelo qual as práticas de prostituição são avaliados, marginalizados e tangenciados de um conjunto de políticas sociais (CECCARELLI, 2018). Em outra direção, ainda se faz necessária a observação da questão a partir da perspectiva dos sujeitos viventes e dos elementos vertebrais elencados por eles como sustentadores do exercício de suas práticas. O deslocamento de ponto de observação ocasiona uma investigação que aprofunda a percepção de formas complexas de inteligibilidade a partir das teorizações da vida cotidiana, elaboradas no bojo da situacionalidade comunicativa de feição socioeconômica, perfilando as subjetividades em gênero e sexualidade projetadas como efeitos de sentido.

Embora o reconhecimento institucional e jurídico das práticas de sexo tarifado como uma atividade laboral, segundo o Código Brasileiro de Ocupações (BRASIL, 2010), fetichiza-se a prostituição como um tipo de modelo pelo qual deve ser realizado, a fim de justificar o modo rechaçado pelo qual é tratada. Na prostituição masculina, esse mecanismo de fetichização materializa-se por meio de enunciados corporificados sobre virilidade, os quais contornam as condições de êxito no regime de deseabilidade e atravessam as formas de subjetivação dos sujeitos. Logo, as maneiras pelas quais a imagem de virilidade é construída são capturadas como

referenciais para construir uma imagem desejante dos corpos e uma imagem condenável para a esfera pública.

O corpo viril, nesse enquadramento, é o ponto central de nossa investigação. Na extensão e pluralidade de práticas sociais, não se evidencia a virilidade como um projeto performativo, em que os enunciados são impelidos aos corpos por meio de diferentes instâncias sociais, forjando uma naturalidade aos parâmetros de diferenciação dos sujeitos e do tratamento marginalizantes com àqueles que não conformam as regras impostas. As semioses atreladas aos corpos permitem pensar os processos de imposição de regras visuais (estéticas) e comportamentais (éticas) empreendidas pelos sujeitos, em um regime de cumprimento parcial de demandas e de adequações de outras demandas.

Diante da centralidade da virilidade no exercício performativo que constitui a prostituição masculina, visamos analisar como os integrantes da dinâmica de sexo tarifado agenciam os enunciados sobre virilidade e os corporificam a partir das condições enunciativas da prostituição em duas sociais brasileiras (as ruas e as saunas paulistanas). Para isso, percorremos a constituição do ethos discursivo de virilidade e os agenciamentos enunciativos dos traços interseccionais. Em seguida, analisamos as formas de tratamento mobilizadas pelos michês e garotos de programa, configurando um esquema de quatro direcionamentos pelos quais se caracterizam as cenas das ruas e das saunas paulistanas. Por fim, concluímos que os enunciados performados materializam-se por meio de rearranjos situados aos sentidos hegemônicos.

## **1. A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS GAROTOS DE PROGRAMA: ETHOS DISCURSIVO, AGENCIAMENTOS DE SI E INTERSECCIONALIDADES EM GÊNERO E SEXUALIDADE**

A naturalização das práticas de prostituição como um espaço socialmente constituído, embora condenado, implica um processo de apagamento de uma condição primordial para a concretização das dinâmicas de sexo tarifado. Essa condição diz respeito ao modo como os sujeitos são categorizados como pertencentes ao agrupamento social de garotos de programa, em que um conjunto de elementos corporais e comportamentais são eleitos como paradigmáticos na identificação dos sujeitos. Portanto, estamos nos perguntando: como os garotos de programa são identificados como integrantes da dinâmica de sexo tarifado?

A organização coletiva dos corpos por meio da recuperação e da atualização de determinados enunciados permite a aproximação entre as formas de organização da prostituição masculina e o conceito de comunidade discursiva. De acordo com Dominique Maingueneau (2008a), as comunidades discursivas resultam da aparente estabilidade promovida pela regularidade de certos textos, em determinadas práticas discursivas, em que os sujeitos estão inseridos. Em outras palavras, os textos motivam e condicionam o funcionamento de situações comunicativas comuns a um número específico de sujeitos, o que acarreta a ratificação de um conjunto de ações utilizadas como critérios de identificação desses indivíduos.

Um exemplo dessa organização textual-discursiva pode ser ilustrada na pesquisa de Pessoa e Moreira (2016). Ao analisarem os condicionamentos enunciativos do gênero discursivo inquérito policial, os autores descrevem os percursos textuais pelos quais o documento de força policial percorre na circunscrição dos afazeres dos sujeitos que ocupam os cargos públicos, como é o caso do escrivão, do delegado, da depoente, entre outros. A produção desse tipo de texto mitiga a circunscrição de lugares enunciativos para cada interactante, impelindo um comportamento linguageiro que justifique o lugar ocupado. Essa justificativa desenvolve-se pela recuperação do conjunto de comportamentos éticos que o inquérito desponta, o que imprime o lugar enunciativo ocupado pelos sujeitos que mobilizam o documento.

No caso da prostituição masculina, parece-nos que a organização da comunidade tem como principal materialidade textual o corpo. Seja o corpo em si ou os recursos semióticos utilizados para falar sobre o corpo, em ambos os casos a materialidade corporal deve ser entendida como alvo de tratamento discursivo por diferentes instâncias sociais. Os sujeitos só são reconhecidos enquanto tais por meio do conjunto de enunciados que circulam nas diferentes práticas discursivas, uma forma de significação que perfila a maneira como os sujeitos devem se comportar para justificar a própria concretização em um determinado lugar enunciativo. Logo, os corpos performam, em suas diferentes dimensões, as condições de manutenção do lugar do sujeito em uma determinada cena de enunciação. Retornaremos mais adiante na questão do corpo enquanto performance de virilidade.

As comunidades discursivas, portanto, são produto e efeito do conjunto de práticas discursivas realizadas de maneira situada pelo conjunto de usuários de uma língua. As práticas discursivas são a maneira pontual de atualização da arquitetura de significação historicamente

construída e culturalmente indexada, a qual perfila um conjunto de traços éticos e estéticos necessários para, ao mesmo tempo, condicionar a integração dos sujeitos ao coletivo denominado “garotos de programa” e ratificar os elementos considerados ontológicos na identificação do grupo.

A arquitetura enunciativa que contorna as significações dos corpos em uma determinada cultura é orquestrada pelas formações discursivas. Nos termos de Maingueneau (2008, p.126), as formações discursivas representam os sistemas de restrição de significação do mundo para determinada comunidade discursiva, ocasionando a regularidade de certos “blocos interpretativos” sobre a realidade que os circunscreve. Ao analisar as práticas discursiva do jansenismo, o autor constata que o agrupamento congrega a partir de noções como /Céu/, /Abundância/ e /Hierarquizadas/, formas de estruturação da realidade dos participantes do grupo como forma de identificação e de pertencimento.

A tríade de elementos – comunidades discursivas, formações discursivas e práticas discursivas – que compõem o funcionamento das cenas enunciativas da prostituição masculina convergem na necessidade de produção de imagens específicas para os garotos de programa. Essas imagens são constituídas historicamente pelas formas de significação que circulam em forma de enunciados e são pulverizadas em frente às formas de textos, os quais, de tempos em tempos, são retomados, ratificados e/ou atualizados. O efeito disso é a centralização do discurso como meio social valorização dos corpos daqueles que integram na dinâmica de sexo tarifado.

Como indicamos inicialmente, o cerne estruturante das práticas de prostituição masculina são os corpos viris, os quais são mediados pela construção de um ethos discursivo de virilidade. De modo paradigmático, a noção de ethos discursivo foi vulgarizada como “as imagens de si no discurso” (AMOSSY, 2011), o que ocasionou um apagamento da complexidade e da profundidade de constituição dos fenômenos enunciativos e dos processos de subjetivação. Assim sendo, propomos outras maneiras de visualização da noção, uma leitura que enfatiza, antes de tudo, os processos de projeção de subjetividades aos interlocutores como um gesto de in(corpo)ração.

Para Maingueneau (2008), a natureza incorporante do discurso é o vértice analítico para o entendimento dos processos simultâneos de assujeitamento e de agenciamento dos enunciados. Portanto,

- a enunciação da obra confere uma ‘corporalidade’ ao fiador, ela lhe dá corpo;
- o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitado o próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso (MAINGUENEAU, 2008, p.18).

Para que os corpos sejam reconhecidos socioculturalmente, eles precisam ser capturados por um conjunto de enunciados recuperados nas cenas enunciativas em que eles participam. Assim, a enunciação condiciona os horizontes de significação dos corpos, suas possibilidades de ser e estar no mundo por meio de um “conjunto de esquemas”, dando-lhe materialidade para habitar o mundo. Ao mesmo tempo, os interlocutores (lidos como destinatários) também precisam compartilhar as formas de entendimento, e sobretudo de limitação, dos usos dos corpos. Com esses dois procedimentos, pode-se imaginar a regulação e a regularidade de uma “comunidade imaginária”, de um coletivo que se reúne a partir do conjunto de práticas textuais/discursivas concretizadas.

Na mesma direção de Autor X (2022a), interpretamos que o ethos discursivo de virilidade resulta da compilação dos procedimentos que perfazem a prática de in(corpo)ração. De um lado, os corpos dos garotos de programa só adquirem significado mediante a recuperação de uma historicidade sobre o lugar social instituído para a prostituição, as representações (visuais e comportamentais) dos integrantes da prostituição e os tipos de relações a serem estabelecidas entre os participantes. Por outro lado, o condicionamento para identificação e pertencimento a comunidade de garotos de programa impele os sujeitos a recuperação e revitalização de um conjunto de traços corporalmente inscritos, os quais indexem aos enunciados pulverizados em diferentes instâncias sociais. Com isso, os clientes-em-potencial, enquanto os interlocutores mais imediatos, conseguem identificar, por meio dos esquemas de significação do mundo habitado, quem são os garotos de programa e avaliar os corpos mais desejáveis no bojo do regime de desejabilidade instituído.

Conforme Autor X (2022a, 2022b), orbitam as conotações de virilidade exercidas nas performances de gênero e de sexualidade no regime de desejabilidade que orienta a prostituição

masculina, incidindo em cada integrante da dinâmica de sexo tarifado. Amparado nas noções de performance e performatividade em Butler (2019), o autor posiciona o exercício de uma virilidade hegemônica, projetada como heterossexual e cisgênero, como vetor de hierarquização dos corpos. Isto é, os garotos de programa que aparentassem ser heterossexuais e cisgênero por meio de um conjunto de adornos e condutas corporais/comportamentais era mais valorizada, em relação ao conjunto de sujeitos aparentemente efeminados.

Essa aparente ontologia da virilidade nas práticas discursivas, contudo, precisa ser encarada como efeito de uma maquinária discursiva. Executada a cada instante, nas práticas discursivas que os sujeitos participam, faz-se necessário investigar o conjunto de enunciados que atravessam os corpos dos garotos de programa no exercício da prostituição masculina, constituindo linhas históricas múltiplas de entendimento dos modos de feição de uma imagem viril. Essa imagem materializa-se pela recuperação de um conjunto de elementos (roupas, zonas erógenas, etc.) e comportamentos (andar, sentar, falar), os quais indexam a um conjunto de traços interseccionais de diferenciação política dos corpos.

Tendo em vista que o ethos de virilidade é uma performance constituída espectralmente, a articulação dos traços interseccionais em raça, diferença etária, classe social e formas de trabalho mobilizam a noção de interseccionalidade. De acordo com Akotirene (2020, p.63), a análise interseccional das subjetividades viris permite o desenvolvimento de “uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais”, além de permitir o rastreamento das relações de poder e saber, acessar formações discursivas distintas que se cruzam para formar a historicidade dos corpos na dinâmica de sexo tarifado e avaliar as formas de articulação entre os traços e os efeitos de revitalização (reafirmação, retificação ou atualização).

A lógica de revitalização é o foco de nosso interesse por duas razões. Em primeiro lugar, os mecanismos de situacionalidade dos enunciados desponta a possibilidade de verificar de que maneira os garotos de programa são interpelados pelos enunciados sobre virilidade, os modos de agenciamento desses enunciados mediante os elementos éticos e estéticos constituintes da imagem no discurso. Em segundo lugar, sublinha as construções arquitetadas de virilidade mediante os usos corporalmente situados dos traços interseccionais. A confluência de ambas as razões permite, por conseguinte, o confronto entre os modelos hegemônicos de instituição de performances de gênero e sexualidade e as experiências de modalização dos

significados, tendo sempre em vista a necessidade de lograr êxito (monetário) com as interações amorosas e/ou sexuais.

No campo discursivo, essas mudanças são produtivas para elucidar o funcionamento do interdiscurso e suas formas de intersecção. Sob a ótica de uma proposta unilateral de virilidade nas práticas homoeróticas (AUTOR X, 2020), os sujeitos tentam manifestar um conjunto de enunciados valorativos pelo corpo, os quais são avaliados por seus pares (outros sujeitos homoeróticos e pela sociedade em geral) como positivados e permissivos sobre a acessibilidade social<sup>1</sup>. Simultaneamente, o espectro de articulações possíveis entre os traços interseccionais reverbera formas materiais questionantes acerca das performances naturalizadas. No caso da prostituição, impõem-se significações hegemônicas como condição de êxito, as quais são agenciadas nas experiências de cada integrante.

De modo geral, defendemos que o ethos discursivo de virilidade, enquanto performance, constitui-se por meio das práticas discursivas de integração e de pertencimento na prostituição masculina. Essas performances estruturam-se mediante a configuração dos traços interseccionais, os quais, em um regime de desejabilidade, indexam os corpos a múltiplas historicidades e os hierarquizam como desejáveis ou abjetos. O conjunto desses elementos e as relações de negociação entre os integrantes imediatos da dinâmica de sexo tarifado resultam na estabilização de uma comunidade discursiva, dos garotos de programa. Diante da preparação de um mirante teórico, passemos a análise dos dados.

## **2. AS REGULAÇÕES E OS REARRANJOS DE VIRILIDADE**

Antes de analisarmos os dados coletados acerca do funcionamento dos traços interseccionais na constituição das imagens de virilidade nas performances dos integrantes das dinâmicas de sexo tarifado, convém elucidar a constituição metodológica da pesquisa. Nesse sentido, classificamo-la como pesquisa de cunho bibliográfico, versada em dois textos sobre a prostituição masculina em São Paulo. Investigamos a etnografia de Néstor Perlongher (1986) sobre as zonas de michetagem no centro de capital paulistana e, na mesma região, as saunas

---

<sup>1</sup> É pertinente enfatizar que o deslocamento dos sujeitos homoeróticos para as negociações online são resultado de um conjunto de políticas repressivas, as quais alastraram uma ambientação de medo, impelindo os sujeitos a confecção de outros mecanismo de comunicação antecedentes aos encontros físicos.

masculinas perscrutadas por Santos e Pereira (2016). A seleção desses textos resulta de um levantamento em três bancos de dados de pesquisa acadêmica (SciELO, Google Acadêmico e Banco de teses e dissertações da Capes), por meio dos descritores “prostituição”, “homens” e “viril”, os quais evidenciaram a centralidade das contribuições dos textos elencados para os desdobramentos analíticos contemporâneos sobre a questão<sup>2</sup>.

Tendo em vista os dois materiais elegidos para análise, faz-se crucial dois apontamentos. O primeiro diz respeito ao tipo de relação estabelecida entre as temporalidades das pesquisas, pois, embora apartadas temporalmente, apresentam uma regularidade de retomada das significações sobre a virilidade (MAINGUENEAU, 2008a; TREVISAN, 2018). O segundo está voltado para a associação analítica dos traços interseccionais, os quais são associados forma compósita, porque entendemos que a conjuntura das performances de virilidade complexificasse progressivamente nas práticas de sexo tarifado.

Com esses esclarecimentos, enveredemos a análise do funcionamento dos traços interseccionais que atravessam e constituem os corpos dos garotos de programa e dos michês<sup>3</sup>. Como efeito das análises empreendidas, elaboramos uma síntese das direções historicamente situadas pelas quais os traços etários, de classe social, de raça e de atividade laboral são compreendidos e performados.

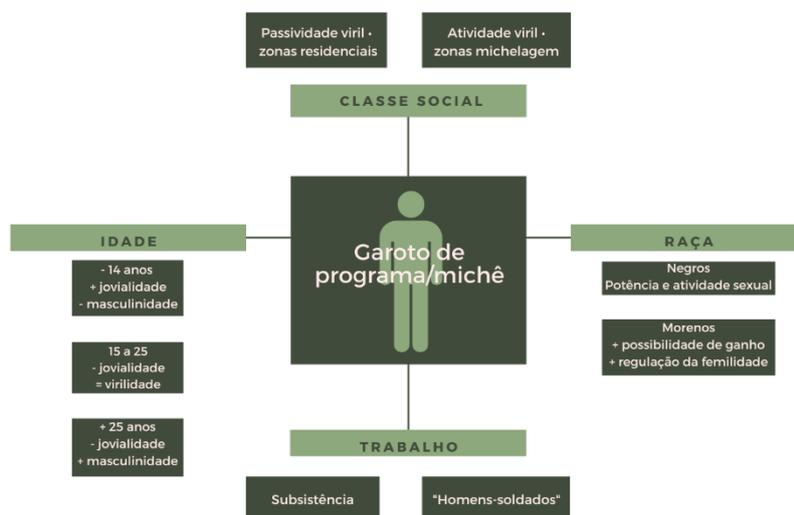
Adentramos a questão por meio do recorte etário desenvolvido pelos michês na investigação de Perlongher (1986). Na ocasião etnográfica vivenciada pelo antropólogo, havia a regência de uma diferenciação entre os corpos, em que os sujeitos entre quinze e vinte e cinco anos eram os mais valorizados na dinâmica de sexo tarifado. Entre os michês e os clientes-empotencial circulava uma compreensão de que esse decênio era o período ideal de exercício de performances de virilidade, com a manifestação de elementos éticos e estéticos corroborativos com a demanda de uma aparente heterossexualidade. Essa base etária de diferenciação acarreta,

---

<sup>2</sup> Cf. Oliveira (2019).

<sup>3</sup> Utilizamos os termos “garotos de programa” e “michês” como forma de delinear os diferentes momentos históricos em que os pesquisadores promoveram seus empreendimentos de pesquisa. Essa diferenciação no texto aparente como um recurso textual-discursivo de distribuição dos enunciados que circulavam em cada cena de enunciação investigada.

por conseguinte, a valorização de determinados sujeitos, o que fora comprovado pelo pesquisador com a prática dos “clientes fixos”<sup>4</sup>.



**Figura 1** – Os direcionamentos interseccionais de virilidade

Fonte: CRUZ (2022)

Além da valorização performativa assentada em um recorte etário, os contornos de idade também apresentavam formas de significação que hierarquizavam os corpos. De um lado, as práticas discursivas de michetagem orquestravam as idades acima de vinte e cinco anos como momento da experiência de vida dos miches em que a virilidade era melhor performada, tendo em vista que o período de permanência nas atividades de sexo tarifado os faziam reconhecer e realizar as demandas de projeção de uma imagem viril. Todavia, esse ponto de sustentação valorativa era solapado pelo contraste entre as idades dos michês e dos clientes, em que estes preferiam os corpos joviais como forma de autoafirmação enquanto corpo ainda desejado (PERLONGHER, 1986).

Por outro lado, havia o grupo de michês menores de quatorze anos. Circulava, nas práticas discursiva de negociação, uma associação da menoridade com o alto grau de incidência de traços de efeminamento, os quais eram facilmente indexados como forma material de “homossexualismo”. Ao mesmo tempo, os corpos joviais eram almeçados, pois os clientes-em-potencial, via de regra, buscavam afirmar-se como corpos ainda desejados por meio do

<sup>4</sup> De acordo com Perlongher (1986), o retorno dos clientes com o mesmo michê representava a fidelização de uma relação, o que permitia delimitar que alguns integrantes da prostituição tinham “clientes fixos”.

estabelecimento de vínculos afetivo/sexuais com os michês mais jovens. Portanto, a jovialidade dos integrantes da dinâmica planava entre a valorização e a abjeção, pendendo para o lado positivado, desde que fosse monitorada constantemente e não implicasse o acometimento de repressões físicas e/ou simbólicas (PERLONGHER, 1986).

Mas a quem interessava esses corpos juvenis? A partir da associação com o traço interseccional de classe social, visualizamos um preâmbulo do perfil socioeconômico dos clientes-em-potencial, isto é, homens, de classe média/alta, casados, que gestavam uma vida noturna escondida, temerosos pelas retaliações físicas e morais<sup>5</sup>. Nessa ambientação, era comum uma desvalorização do corpo de sujeitos homoeróticos considerados mais velhos, incitando, como forma de valorização de si sexualmente, a busca por homens mais jovens. Com essa busca, compreendemos a operação de uma abertura discursiva, pois a necessidade de balizar a questão etária permitia a manifestação de alguns traços de efeminamento.

A lógica de relações entre clientes e michês também é sustentada por questões de classe social. Além das motivações para a integração na prostituição masculina (que abordaremos mais adiante), os espaços geográficos conhecidos como regiões de michetagem funcionavam como arquiteturas performativas de virilidade (BARBOZA; BORBA, 2020). De acordo com Perlongher (1986), nas zonas de michetagem, demandava-se maior regulação dos elementos corporais de virilidade, precisando aparentar o exercício da atividade sexual, de um comportamento mais incisivo/agressivo, dando ênfase em determinadas zonas erógenas (sobretudo o pênis). Esse retrato resultava em um conjunto de restrições, em que a ordem discursiva não permitia o direcionamento do olhar para os usos da boca e do ânus dos michês.

---

<sup>5</sup> Devemos considerar que o período vivenciado pelos sujeitos (a ditadura brasileira) condicionava o sentimento ainda mais acirrado, compelindo a realização da performance projetada para as práticas pública. Em um relato biográfico, Miskolci (2017, p.10-11) descreve a experiência das masculinidades: “Sob o regime ditatorial militar, vivia sob a sombra de uma ordem política e social que girava em torno de um poder eminentemente masculino. A masculinidade se confundia com a violência em um jogo injusto e cruel para as meninas, mas também para os meninos que, como eu, não gostavam de futebol, tampouco queriam emular o comportamento dos adolescentes que, com 18 anos, adentravam na vida adulta vestidos com seus uniformes do serviço militar obrigatório. (...) Um ‘homem de verdade’, hoje percebo, era o que impunha seu poder aos outros e a si mesmo à custa de sua própria afetividade. Daí meu primo, desde o uso do uniforme, ter deixado de ser carinhoso para adotar expressões de afetividade que sempre terminavam em pequenas torturas, como se um abraço ou um carinho entre homens tivesse que resultar em uma luta, um soco ou um machucado”.

Diferentemente das zonas de michetagem, as anotações de Perlongher (1986) demonstram que, nas zonas residenciais, havia uma pluralidade das atividades sexuais, em que os sujeitos poderiam inserir na dinâmica sociossexual a boca e o ânus. Nesse sentido, os integrantes da prostituição poderiam ocupar os lugares de passivos sexuais, sem desestabilizar a imagem de virilidade necessária para o exercício laboral. Essa dissimetria reverberava na estrutura heterossexualizante que se assentava as atividades sociossexuais, pois rearranjava os significados dos usos dos corpos e das sexualidades, mas sem solapar a imagem viril das zonas de michetagem.

As restrições sobre as zonas erógenas possíveis situam os usos do ânus na delimitação das identidades de gênero e sexualidade. Sáez e Carrascosa (2016), Butler (2019) e Preciado (2014) concordam que o ânus é um ponto nefrágico na estruturação das sociedades ocidentais. Enquanto materialidade corporal, o ânus foi capturado discursivamente como divisor das sexualidades (ativo/passivo), impelido os sujeitos a realização de um conjunto de comportamentos socialmente categorizados como heterossexuais ou como homossexuais. Ao avaliarem o papel discursivo da instância médica nessa construção social, Sáez e Carrascosa (2016) descrevem que

‘Outro especialista em medicina legal, o alemão Friedrich, caracterizava o sujeito perverso, também em meados do século XIX, em função de um duplo critério referente à prática sexual. Assim, o “ativo” tem pênis “delgado e pequeno” e “persegue garotos com um olhar lascivo”, “o passivo” apresenta uma coluna vertebral para cima, mais ou menos torcida, enquanto que “a cabeça pende para frente”. Os traços faciais afundados, o olhar apagado e sem vida, os ossos da face ressaltados e os lábios que parecem apenas poder cobrir os dentes” (LLAMAS, R., 1995, p.162-163 apud SÁEZ; CARRASCOSA, 2016, p.93).

A Medicina funcionou como instância social de delimitação dos usos biopolíticos do corpo (FOUCAULT, 2014; CORBIN, COURTINE e VIGARELLO, 2011). Dentre as regiões fisiológicas, algumas (pênis e coluna, por exemplo) foram resignificadas como supostas comprovações das subjetividades (homos)sexuais, construindo um parâmetro de distinção dos corpos em naturalizados e em abjetificados (BUTLER, 2019). No conjunto de zonas restringidas, o ânus foi projetado como uma região fisiológica voltada exclusivamente para a saída dos excrementos humanos, e que quaisquer outros usos caracterizariam os sujeitos como perversos.

Cientes da conotação social que atravessava os usos dos corpos, os michês reconheciam os perigos associados ao uso do ânus com a feminilidade, construindo mecanismo atenuantes. Quando, na negociação privada e/ou nas regiões residenciais, os michês ocupam o papel de passivo, há um rearranjo na matriz de inteligibilidade da virilidade (BUTLER, 2019; CONNELL, 2005), em que o cu, não mais o ânus, manifesta-se como lugar político e culturalmente ativo. Assim sendo, Sáez e Carrascosa (2016), ao se debruçarem no regime de restrições corporais, sublinham a necessidade de investigar as estratégias discursivas em torno do cu.

queremos mostrar o que se produz ao redor da questão do cu, estamos dizendo que essas linhas que o controlam, o vigiam, o estigmatizam ou o promovem, conformam uma política. O cu é um espaço político. É um lugar onde se articula discursos, escárnios, ódios, assassinatos, enfermidades. Chamamos de política precisamente essa rede de intervenções e relações. Porque para entender as causas e as condições de homofobia, do machismo e da discriminação em geral temos que entender como se relacionam o anal com o sexo, com o gênero, com a masculinidade, com as relações sociais (SÁEZ; CARRASCOSA, 2016, p.73).

Em concomitância ao esquema de intervenções que constituem as relações sociais, o cu desencadeia a revitalização dos significados culturais sobre os exercícios performáticos de gênero e sexualidade. No caso dos michês, o cu é uma zona erógena mobilizada para a diferenciação dos michês-machos e dos michês-bichas (PERLONGHER, 1986), apartando teoricamente os exercícios de feminilidade somente ao segundo grupo. Ao mesmo tempo, os michês fazem uso do cu, mas precavidos com a elaboração de um subterfúgio, caracterizado, segundo Russo (2007), pelo aumento do preço do programa realizado e pela imposição de um sistema de silenciamento, em que o cliente não poderia comentar que o sujeito ocupou o lugar de passivo sexualmente. Essa estrutura evitaria a dispersão de um relato, por parte do cliente e entre os michês, sobre a performance de passividade, esfacelando a imagem de virilidade e desvalorizando o “corpo-prostituto” (NASCIMENTO, 2019).

Soma-se ao conjunto de traços interseccionais, a diferenciação de cunho racial, em que a negritude se inscreve em um regime de ambiguidade entre o desejo e a repulsa. Nos termos de Santos e Pereira (2016), a negritude exercida nas saunas paulistanas era flutuantes entre os signos do desejo, em que os corpos ébanos (MOITA LOPES; MELO, 2022) eram valorizados por suas zonas erógenas peniana e por uma performance sexual diferenciada, e pelos signos da

abjeção, em que seus comportamentos, nas práticas públicas, seriam considerados abjetos, por promoverem a “humilhação dos clientes” (AUTOR X, 2022a, p.31).

A flutuação de significações sobre os corpos negros mobiliza a condição colonial arbitrária de localização dos lugares sociais. Barros e Barreto (2018, p.310-311), argumentam que

Ainda que a história do arquétipo do negro sexualizado e bestial possa ser mais antiga do que a história da escravidão no nosso continente, o que realmente nos interessa é o uso que a ideologia faz desses arquétipos para manter a continuidade de um dado sistema. Ângela Davis (1981) defende que houve uma construção histórica do “mito do negro estuprador” que serviu como elemento cultural importante para a continuação da dinâmica de subordinação dos homens negros na sociedade pós-escravista. Era de interesse ideológico, portanto, que a imagem do homem negro fosse associada à de uma ameaça sexual à pureza e virgindade de mulheres brancas. A imagem sexualizada e animalizada do homem negro serviu como forma de controle dentro de um sistema de estratificação de raças e classes que foi desestabilizado pela emancipação dos escravos. (...) Hooks (1990) vê o racismo e o sexismo como sistemas interligados que mantêm um ao outro, e defende que a raça exagera os papéis sexuais na pornografia. Os homens, então, seriam representados geralmente como máquinas de sexo, mas os negros teriam esse papel particularmente mais acentuado” (BARROS; BARRETO, 2018, p.310-311).

A permanência revisada do arquétipo de negritude como perigosa compartilha seu lugar com a projeção de uma negritude sexualmente valorativa. O lugar derradeiro discursivamente instituído para os sujeitos negros implica a delimitação de um horizonte performativo, em que se restringe a cidadania a uma zona erógena e ao um comportamento robotizado, em que o corpo negro como “máquina de sexo”, promovendo a destituição da existência de uma dimensão do vínculo amoroso e da manifestação de sensibilidades. Essa projeção, como imagem inabalável, também funcionará como referência para a associação com a virilidade.

Diante das máximas de instituição dos corpos negros, os garotos de programa elaboram uma terceira categoria de autoidentificação: o corpo moreno. Face aos riscos de uma captura do corpo como monstruoso ou a necessidade de uma manifestação de uma performance sexual ideal, os corpos morenos emergem como uma imagem de entremeio, na qual se preserva o teor positivado, na medida em que pode ser performado, e se desvia da conotação depreciativa, que pode inibir os sujeitos de lograrem êxito. Na mesma direção argumentativa de Munanga (2012),

concordamos que o corpo moreno é uma noção simultaneamente pernicioso e produtiva: de um lado, é perniciosamente produtiva, pois permite os garotos de programa obterem maiores rendimentos monetários; por outro, é produtivamente pernicioso, porque demanda uma regulação generalizada e constante das performances de virilidade para não evidenciar efeminamento.

No caso da constituição da negritude no cenário brasileiro, essas formas de significação remontam ao período colonial, se aproximando da figura da mucama.

Em relação à capacidade de desmonte, Gonzalez (2020) resgata a figura da mucama como simbologia que explica o funcionamento do corpo explorado em terras brasileiras. Para a autora, a mucama é o vértice explicativo da cultura brasileira na medida em que expõe os desdobramentos do papel do negro, entre os enunciados destinados à esfera pública e à esfera privada. Ou seja, a mucama descortina o aparato discursivo que executa, ao mesmo tempo, a imagem da mulher que pode ser sexualizada (por seu rebolado, por seus atributos corporais ou por seu desempenho sexual), bem como domesticada no papel de empregada, em que deve servir a outrem (AUTOR X, 2022a, p.74).

Os corpos negros como objetos discursivos e abjetos sociais. Um corpo politicamente destituído de humanidade, abalado pelos estereótipos negativados, mas que, na penumbra, era e é o corpo simbolizado como ideal para as relações de cunho sexual. As práticas discursivas carregam essa ambivalência, que se manifesta por meio da imagem viril, resultante da retomada e da resignificação de “atributos corporais ou por seu[s] desempenho[s] sexua[is]”. De todo modo, o corpo moreno executa, de modo sutil, o próprio apagamento da historicidade das táticas de abjeção dos sujeitos e que justifica sua emergência como subterfugio.

Por último, investigamos as significações do fazer laboral na prostituição masculina. No século XX, circula a associação entre virilidade e classe social, justificada pelo quadro econômico vigente à época, de mudança das habilidades requisitadas no mundo do trabalho (ANTUNES, 2009), o que ocasionou altas taxas de desemprego. Como efeito, AUTOR X (2022a, p. 36-7) descreve que

Duas comunidades discursivas podem ser identificadas nesse cenário [de dificuldades econômicas]: a primeira, de **trabalhadores-subsistência**, que adentravam no mercado do sexo tarifado como uma forma de prover materialmente suas famílias, motivadas pelas mudanças no paradigma de

trabalho; e os **homens-soldados**, os quais, em vez de visarem à subsistência, almejavam a inserção na aristocracia. Em ambos os casos, promoveu-se a associação entre pobreza e virilidade, em que, quanto mais próximo da pobreza, mais viril seria o homem.

Entendemos, portanto, que as condições sociais comprimem diferentes setores sociais a integração na prostituição, direcionando-os aos mais distintos propósitos. Ser pobre representava uma condição resultante de lógicas de poder, impelindo os sujeitos a desenvolverem atividades consideradas abjetas. Como corolário, a necessidade de pertencimento ao grupo comprimia os corpos a realização de performances de virilidade vigentes, de aparente heterossexualidade, de uma imagem estética e ética voltada sobretudo para o ethos de soldado<sup>6</sup>. Com isso, elabora-se o efeito de que os sujeitos viventes de situações de pobreza, trabalhadores basais, eram considerados como aqueles que performavam a versão mais adequada de virilidade.

## CONCLUSÕES

A prostituição masculina ainda é recoberta por um conjunto de restrições, as quais incidem nas práticas sociais e nas atividades de pesquisa acadêmica. Sobre estas, é preciso reclamar um movimento mais regular de pesquisas para se debruçarem na complexidade de relações tecidas nas negociações entre michês/garotos de programa e clientes, bem como nas formas de experienciar as dinâmicas de sexo tarifado por parte daqueles que são taxados como “vendedores de sexo”. Aquelas, por sua vez, são atravessadas por enunciados múltiplos que instituem como crime, como patologia, como desvio moral, entre outros, os exercícios monetizados de gênero e sexualidade entre homens, o que contorna as condições de realização das práticas de sexo tarifado.

Diante das condições de concretização da prostituição masculina, elegemos a imagem de virilidade como ponto de estruturação das práticas discursiva e da comunidade dos michês/garotos de programa. Essa imagem constitui-se por meio de diferentes traços interseccionais, como raça, classe social, idade e a concepção sobre o fazer laboral, os quais são mobilizados pela perspectiva hegemônica de virilidade para elaborar um modelo ideal e restrito

---

<sup>6</sup> Conforme Preciado (2014), a II Guerra Mundial desencadeou a mudança da significação da masculinidade, pois a imagem do soldado transformou-se no ideal físico (muscular) e ético (heroico) para os homens da época.

de performances a serem executadas. Em contrapartida, os michês e garotos de programa, no espaço das experiências situadas, reconhecem, processam, corporificam as performances de virilidade a partir de adequações ao cenário de possibilidades de realização, construindo como corpos-limite os usos de regiões erógenas (ânus e a boca) e de formas de autoidentificação (os corpos morenos), o que resulta em uma revitalização constante dos enunciados.

O regime de deseabilidade que perfaz as práticas discursivas da prostituição masculina movimenta-se entre as demandas de uma construção heteronormativa e de uma revitalização moderada das possibilidades de ser e estar no mundo. Sob a ótica de uma análise interseccional, constatamos que a imagem de virilidade resulta de uma convocação encadeada de traços diferenciais entre os sujeitos, em que cada marcador social da diferença se entrelaça com outros para significar as ações corpóreo-linguageiras promovidas pelos integrantes. Ao mesmo tempo, concebemos que, longe de caráter estritamente restritivo, constrói-se tenuamente adequações nas articulações dos limites performativos, rearranjando suas significações. O efeito disso é a tentativa de preservação das condições de êxito na prostituição em formas materiais realizáveis pelos corpos que integram essas práticas sociais.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BARBOZA, Rafael de Vasconcelos; BORBA, Rodrigo. Porno-heterotopias: a (re)construção discursiva do espaço público e a (des)regulação de gêneros e sexualidades. IN: BORBA, Rodrigo (org.). **Discursos transviados**: por uma linguística queer. São Paulo: Cortez, 2020.

BARROS, P. E.; BARRETO, R. Corpo negro e pornografia: a fantasia do negro pauzudo. **Bagoas**, v. 19, p. 301–315, 2018.

BRASIL. **Código Brasileiro de Ocupações**. Ministério do Trabalho e Previdência. 2010.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CECCARELLI, P. R. Prostituição: corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro**, v. 1, n. Edição Especial, p. 1-7, 2018.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. 2 ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.

CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**: as mutações do olhar. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CRUZ, Marcos. Masculinidades e discrição em um aplicativo de relacionamento: discursos sobre identidades homossexuais masculinas. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v.2, n.2, p.1-19, 2020.

CRUZ, Marcos. **Corpo, virilidade e desejo**: o ethos discursivo de masculinidade em anúncios de garotos de programa no Grindr. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letra, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2022a.

CRUZ, Marcos. Corpo, virilidade e desejo: as práticas discursivas de masculinidade em duas cenas da prostituição brasileira. In: LIMA, Humberto Soares da Silva; BONFIM, Wanderson Queiroz. **Estudos de gênero e sexualidade na contemporaneidade**. Tutóia, MA: Diálogos, 2022b. Cap.13, p.233-276.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: o nascimento das prisões. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GUIMARÃES, Katia; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 525-544, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Teorias queer e raça. IN:MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe social. São Paulo: Parábola, 2022. Preâmbulo, parte 2, p. 94-100.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NASCIMENTO, D. DOS S. Corpo-prostituto. **Revista Crioula**, v. 24, p. 62-76, 2019.

OLIVEIRA, T. **Homens no mercado do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. Salvador, BA: Editora Devires, 2019.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PESSOA, Fátima; MOREIRA, Hélio. A enunciação nos contextos de trabalho: traços de uma ordem técnica e política. **Linguística**, v.32, n.2, p.9-24, 2016.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RIBEIRO, Karine de Medeiros. Mulheres honestas e prostitutas: análise discursiva de uma divisão lógico-jurídica. **Estudos Linguísticos**, v. 45, n.3, 2016.

RUSSO, G. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Cadernos CRH**, v. 20, n. 51, p. 497–514, 2007.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Pelo cu**: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SANTOS, E. N.; PEREIRA, P. P. G. Amores e vapores: Sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 133–154, 2016.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

### **Marcos da Silva CRUZ**

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará. Professor efetivo da rede estadual de ensino do estado Pará (SEDUC/PA).